

O FUTEBOL ENTRE OS INDÍGENAS DA ETNIA BORORO¹

DR. ARTHUR JOSÉ MEDEIROS DE ALMEIDA

Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília
(Brasília – Distrito Federal – Brasil)
E-mail: arthur_edf@hotmail.com

RESUMO

O futebol é uma prática corporal que passou por um processo de difusão cultural e, na contemporaneidade, está inserido no cotidiano de diferentes comunidades. Os indígenas no Brasil se apropriaram desta prática e a vivenciam com diferentes finalidades. O objetivo deste trabalho foi analisar o futebol praticado pelos indígenas da etnia Bororo e interpretar seus sentidos e significados. Para tanto, realizou-se uma investigação composta de revisão bibliográfica e pesquisa de campo. Esta foi desenvolvida na aldeia Meruri, bem como, nos X e XI Jogos dos Povos Indígenas utilizando as técnicas da observação e da entrevista livre. A análise demonstrou que o futebol possibilita aos indígenas construir sua identidade e os distinguem enquanto grupo étnico.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; cultura; política; identidade.

-
1. Este artigo é um recorte da Tese intitulada: "Rituais indígenas na contemporaneidade brasileira: a (re)significação de práticas corporais do povo Bororo" apresentada ao PPG em Sociologia da Universidade de Brasília e contou com o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

INTRODUÇÃO

Os indígenas Bororo constituem um grupo étnico, isto é, um tipo de organização social que compõe um campo de interação no qual seus membros se identificam e são identificados por seus pares, distinguindo-os de outros povos. Como grupo étnico, se perpetuam por meios biológicos e culturais que lhes proporcionam o compartilhamento de conhecimentos, valores, práticas, crenças e códigos imprescindíveis ao estabelecimento de sua identidade. O termo etnia compreende a relação entre aos aspectos biológicos e culturais de grupos sociais que, por imposição, estariam fadados a integração às sociedades nacionais. Etnia se aplica, portanto, aos “grupos minoritários detentores de ‘padrões culturais simples’, comumente observáveis, por exemplo, em áreas de ‘fricção interétnica’, onde mantêm relações assimétricas de sujeição junto a segmentos regionais da sociedade complexa (teríamos aqui os grupos indígenas brasileiros)” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976, p. 104).

Existem publicados dezenas de estudos sobre a etnia Bororo. Os clássicos volumes da Enciclopédia Bororo elaborados por Albisetti e Venturelli (1962, 1969, 1976) são as principais referências e fornecem informações fidedignas para a compreensão dos aspectos que os constitui como uma etnia. Em relação à educação do corpo Bororo, Grando (2004), ao realizar uma investigação na aldeia Meruri, identificou que o futebol foi apropriado por estes indígenas e que esta prática corporal adquiriu, como o decorrer do tempo, um caráter polissêmico. Entende-se que “o termo *prática* deve ser compreendido em sua acepção de ‘levar a efeito’ ou ‘exprimir’ uma dada intenção ou sentido e, fazê-lo, neste caso, por meio do corpo [...]. Esta expressão mostra adequadamente o sentido de construção cultural e linguagem presentes nas diferentes formas de expressão corporal” (SILVA; DAMIANI, 2005, p. 22-23). As práticas corporais constituem importantes objetos para a compreensão tanto da estrutura social quanto da estrutura da personalidade dos atores deste grupo. São práticas sociais, nas quais se encontram em constantes relações os aspectos biológico, sociológico e psicológico (MAUSS, 2003).

Portanto, compreender a dinâmica do objeto de estudo – o futebol entre os Bororo – requer enfocá-lo enquanto uma prática social construída culturalmente e que em seu processo assume sentidos e significados de acordo com o contexto de realização. Com este entendimento, expõe-se a questão que norteou o presente estudo: qual(is) sentido(s) e significado(s) que o futebol vivenciado pelos indígenas Bororo assumem em diferentes contextos na contemporaneidade brasileira? O objetivo foi analisar o futebol vivenciado pelos indígenas da etnia Bororo da aldeia Meruri interpretando os sentidos e os significados. A discussão apresenta como pano de fundo, as práticas corporais como elementos imprescindíveis para a constituição

de uma política de identidade étnica. Os significados apresentados pelos objetos simbolizados que configuram a prática do futebol têm fundamental importância para a compreensão das ações dos indígenas e, por conseguinte, das relações sociais desenvolvidas nesta comunidade.

O PESQUISADOR NO CAMPO

Entende-se que é por meio do corpo que os valores, normas e crenças são apreendidos pelos indígenas. A corporalidade é a representação e a expressão de formas simbólicas que expõem as relações sociais de uma sociedade. É um objeto privilegiado, pois trata tanto de aspectos cosmológicos quanto de princípios da estrutura social, bem como das relações políticas desenvolvidas pelos indígenas. Pois, a peculiaridade das sociedades sul-americanas, de modo mais amplo, “reside numa elaboração particularmente rica da noção de pessoa, com referência especial à corporalidade enquanto idioma simbólico focal” (SEEGER; DA MATTA; VIVÊIROS DE CASTRO, 2002, p. 12).

Com este pressuposto, empreendeu-se um estudo² de caráter sociológico, com abordagem qualitativa e que teve como foco de investigação o futebol vivenciado pelos Bororo que habitam a aldeia Meruri em Mato Grosso. Para tanto, tornou-se necessário analisar referências bibliográficas que forneceram subsídios para a elaboração de uma fundamentação teórica para a pesquisa de campo e conduzir à análise interpretativa. O estudo inicial demonstrou que o processo histórico de interação interétnica estabelecida pelos Bororo com não-índios influenciou a reprodução cultural desse povo que foi desenvolvida em meio à dominação, sujeição e à resistência.

Na pesquisa de campo, tornou-se necessário desencadear um processo de interação com os indígenas, isto é, os “nativos em carne e osso” (FONSECA, 1999, p. 58). Considerando-se as assimetrias existentes entre as visões de mundo do pesquisador e a dos sujeitos investigados em uma situação inicial de estranhamento, teve-se que familiarizar com a diferença. O primeiro contato com este grupo étnico ocorreu na IX edição dos Jogos dos Povos Indígenas realizada nas cidades de Recife e Olinda, em 2007. Então, dois anos após o primeiro contato, voltou-se a encontrar um grupo de índios Bororo, novamente em uma edição dos Jogos dos Povos Indígenas. A X edição foi realizada entre os dias 31 de outubro e 7 de novembro de 2009, em Paragominas/PA. Naquele momento, o objetivo foi estabelecer uma

2. Por se tratar de pesquisa envolvendo seres humanos e sendo estes pertencentes a uma comunidade indígena, a investigação foi orientada eticamente pelas diretrizes e normas contidas na Resolução 196 da Comissão Nacional de Saúde do Ministério da Saúde – CNS/MS.

relação de confiança com o grupo pesquisado, de modo a entender como se estabelecia a relação com os não-índios em um cenário no qual os indígenas são os atores protagonistas de um espetáculo. No decorrer do evento e a partir das conversas informais com os indígenas, notou-se o interesse que os Bororo têm pelo futebol. A partir de então, procurou-se observar os indígenas durante as partidas de futebol, a fim de entender os sentidos e significados que esta prática moderna possui em um contexto interétnico.

Para interpretar os sentidos e os significados do futebol praticado pelos Bororo em diferentes contextos, observou-se o modo como se desenvolvia o futebol realizado na aldeia Meruri³. Para tanto, utilizando-se as técnicas da observação e da entrevista livre. Em 2011, foi realizada a primeira ida à aldeia. Vivendo durante 20 dias entre os Bororo em seu território tradicional, evidenciou-se a organização social, política e econômica da comunidade, bem como, as práticas corporais vivenciadas no cotidiano da comunidade. Percebeu-se que o futebol é a prática corporal vivenciada com maior frequência em Meruri.

Ainda durante o ano de 2011, voltou-se a contatar um grupo Bororo, desta vez, na XI edição dos Jogos dos Povos Indígenas realizada entre os dias 5 e 12 de novembro, na cidade de Porto Nacional/TO, onde foram realizadas observações dos momentos que precediam e sucediam as partidas de futebol. O futebol, neste evento, foi praticado pelos índios e pelas índias, sendo que elas chegaram ao jogo final e conquistaram a segunda colocação entre as 30 etnias participantes.

A segunda ida à aldeia ocorreu em 2012 e serviu para a realização de entrevistas livres⁴. No diário de campo fez-se o registro escrito do futebol observado durante o período em que se esteve presente no local, bem com das relações estabelecidas entre os indígenas e destes com os não-índios. Com a imersão em diferentes cenários nos quais os Bororo vivenciaram o futebol, pôde-se compreender os sentidos e significados que o futebol possui para os indígenas da etnia Bororo da aldeia Meruri na contemporaneidade brasileira.

O POVO BORORO

Os indivíduos desta etnia se denominam *Boe* que significa “gente” e são “índios de língua Otuké (por vezes foi classificado como pertencendo ao tronco linguístico

3. Na aldeia Meruri/MT, a liderança política (cacique) assinou a Carta de Anuência na qual foram explicitados os objetivos da pesquisa, bem como os direitos que lhes eram garantidos.

4. Nesta oportunidade, os entrevistados receberam o Termo de Consentimento Livre que esclareceu o propósito da pesquisa, seus métodos e os direitos dos participantes.

Macrogê)" (VIERTLER, 1991, p. 11). De acordo com o Instituto Socioambiental⁵, atualmente os Bororo habitam seis Terras Indígenas que criam um território descontínuo em Mato Grosso. A aldeia Meruri localiza-se no leste do estado, próxima aos municípios de Barra do Garças e General Carneiro. *Bororo* é o nome dado ao pátio da aldeia, espaço de experiências ritualísticas que, por ser frequentemente entoado em seus cantos, foi utilizado pelos não-índios para se referirem aos indígenas desta etnia, sendo esta a nomenclatura apropriada pela academia.

A etnia Bororo se caracteriza por possuir uma "estrutura social altamente complicada, comportando vários sistemas de metades que se entrecruzam, dotados de funções específicas, clãs, classes de idade, associações esportivas ou rituais e outras formas de agrupamento" (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 133). A organização social é constituída por metades matrilineares exogâmicas, cada uma subdividida em quatro clãs. Os grupos indígenas desta etnia vivem em aldeias cujas choupanas são dispostas em forma circular em torno de uma choupana central (*Bái Mána Gejéwu*⁶). As choupanas familiares são dispostas de acordo com os clãs de cada metade sendo separados por uma linha imaginária que atravessa a aldeia de leste para o oeste. Ao norte viviam os *Ecerae*, na mitologia deste povo são considerados os filhos e ao sul, os *Tugarege*, os pais (OCHOA CAMARGO, 2010, p. 33).

Em todas as manifestações sociais e religiosas reponta esta antiquíssima divisão da tribo. É ela que regula as idéias religiosas, as leis matrimoniais, a caça, a pesca, as festas públicas e os ritos fúnebres. Cada *clan* tem nomes especiais, cantos próprios, ornamentos particulares, penas e cores determinadas e de determinados pássaros que não podem ser usados pelas outras dinastias (COLBACCHINI; ALBISETTI, 1942, p. 33).

Estima-se que 10 mil indígenas Bororo habitavam um território que se estendia da Bolívia até as terras banhadas pelo rio Araguaia no centro-sul do estado de Goiás. Viviam principalmente da pesca, caça, coleta de frutas e dos produtos de pequenas roças de milho, mandioca e fumo. Entre os Bororo, as práticas corporais são materializadas na furação de orelha e lábios, na utilização de adornos, nas pinturas faciais e corporais, na escarificação, nos cortes de cabelos, nas corridas, nos jogos e nas danças e, também no futebol que contribui para a constituição da corporalidade e, por conseguinte, da identidade Bororo.

Viertler (2000) afirma que entre os Bororo, "seres humano [são aqueles que, tendo nascidos de] pais que respeitaram as prescrições de sexo e alimentação, recebem o corte de cabelo, nomes e enfeites de seu clã, [em retribuição ao que]

5. INSTITUTOSOCIOAMBIENTAL >http://piib.socioambiental.org/caracterizacao.php?id_pov=31 > acessado em: 17 de fevereiro de 2012.

6. Os indígenas referem-se a casa central como *Baito*.

devem integrar-se no código de respeito recíproco, [além de] demonstrar bravura e generosidade" (VIERTLER, 2000, p. 158). Portanto, é por meio do corpo que se reconhece um Bororo. Corpo este que não pode ser compreendido desvinculado de seu contexto histórico, social e espiritual. Neste sentido, o corpo para os Bororo remete a totalidade de sua cultura e, por este motivo, eles intervêm em seus corpos desde o nascimento até o sepultamento definitivo.

No entanto, muitas alterações ocorreram na organização social, na cultura, nos sistemas político e econômico do povo Bororo. O contingente populacional sofreu uma drástica redução, resultado dos efeitos danosos promovidos pelas relações interétnicas estabelecidas há três séculos. Estas relações se desenvolveram de maneira assimétrica sendo marcadas por práticas de guerra, surtos de epidemias, a introdução de bebidas alcoólicas, além da diminuição e substituição de recursos alimentícios devido à redução de seu território e a adoção de regras de trocas econômicas advindas do sistema capitalista de produção e consumo.

Entende-se que as relações interétnicas desenvolvidas pelos indígenas Bororo foram e são balizadas pelo indigenismo praticado no Brasil. Por indigenismo compreende-se, "the political field of relations between Brazilians and Indians [...], such as competition for material and symbolic resources" (RAMOS, 1998, p. 5). Neste campo de relações políticas estão envolvidos, não só os agentes oficiais, mas todos aqueles que interagem com os indígenas, incluindo fazendeiros, garimpeiros, indigenistas, cientistas e romancistas.

Nos primeiros anos de contato, muitos Bororo morreram nas batalhas. Os sobreviventes foram forçados a trabalhar nos engenhos de cana de açúcar ou como criados nas fazendas de São Paulo. Outros foram obrigados a abandonar o uso da língua tradicional e agrupados em aldeamentos com porções reduzidas de terra. A caça e a coleta de alimentos no cerrado que formavam seu corpo deveriam ser abandonadas, assim como a nudez que foi controlada com a introdução de vestimentas. No final do século XIX, os Bororo passaram a viver em "Colônias Indígenas Militares". Pretendia-se civilizar os índios por meio do trabalho rural. A educação moral e cívica foi efetivada em busca da "disciplina", isto é, do controle dos corpos dos silvícolas. Casamentos de índias com os colonos foram estimulados, principalmente com os militares (ALMEIDA, 1997, p. 222). Com o declínio das Colônias, os indígenas passaram a viver entre os missionários salesianos que utilizavam procedimentos educacionais que incluíam castigos físicos e restrição alimentar, bem como o ensino de música, ginástica e de técnicas agrícolas. A instrução por meio da moral católica estabelecia entre os índios Bororo outra maneira de se relacionarem com seus corpos. Desse modo, desenvolveu-se o processo de civilização que incluía a construção de um corpo cristão, higiênico e produtivo.

Todavia, após o Concílio Vaticano II, alterou-se a relação entre indígenas Bororo e missionários salesianos. A partir da década de 1970, os povos indígenas conquistaram autonomia e passaram a se organizar a fim de reivindicarem seus direitos em relação ao território, à educação e à saúde. Então, os missionários salesianos, por meio do Conselho Indigenista Missionário – CIMI aliam-se aos indígenas nesta luta. Com os direitos indígenas garantidos pela Constituição Federal de 1988, a ação na contemporaneidade é pelo respeito a estes direitos. Neste sentido, compreende-se as práticas corporais como meios de se promover uma intervenção política.

O FUTEBOL E OS BORORO DE MERURI

O futebol é uma prática corporal, isto é, “fato social total” que envolve aspectos socioculturais, psicológicos e biológicos (MAUSS, 2003). É um fenômeno complexo que possui características próprias diferenciadoras de outras práticas sociais e corporais. “Resultou de um processo de modificação [...] de esportivização de elementos da cultura corporal de movimento das classes populares inglesas, e também de elementos da cultura corporal de movimento da nobreza inglesa” (BRACHT, 2003, p. 13). O esporte bretão foi mundializado e, assim, chegou ao Brasil no final do século XIX como símbolo de civilidade. O antropólogo brasileiro afirma que:

o futebol foi introduzido no Brasil sob o signo do novo, pois mais que um simples “jogo”, estava na lista das coisas moderníssimas: era um “esporte”. Ou seja, uma atividade destinada a redimir e modernizar o corpo pelo exercício físico e pela competição, dando-lhe a higidez necessária a sua sobrevivência num admirável mundo novo (DA MATTA, 1994, p. 11).

O futebol, inicialmente praticado nos clubes da elite paulistana, popularizou-se, tornando-se uma “paixão nacional”. Não se tem exatidão do momento e do modo que o futebol foi introduzido entre os indígenas Bororo. De acordo com o cacique, o futebol chegou à aldeia Meruri por meio dos missionários salesianos (Diário de Campo, Porto Nacional, 2011). Esta afirmação pode ser aceita, pois os missionários salesianos utilizavam exercícios físicos – ginástica – como meio de civilização dos índios no início do século XX (CASTILHO, 2000, p. 63).

Fato é que o futebol foi inserido entre os Bororo em um período histórico no qual sua prática estava direcionada para o desenvolvimento de um “processo civilizador”. O esporte era utilizado como meio de educação do corpo fundamentado pelos ideais modernos. No caso dos indígenas, o esporte foi ensinado como meio de educação na busca por um comportamento “disciplinado”, isto é, condizente com o modo de vida moderno e que atendessem aos interesses políticos e econômicos

dominantes. Neste sentido, o futebol aprendido pelos Bororo de Meruri promoveu alterações na corporalidade destes indígenas. Alterações estas decorrentes de uma racionalidade moderna imposta por atores externos e que, por conseguinte, contribuíram para a incorporação de outras crenças.

O futebol foi apropriado pelos indígenas, constituindo-se como um tempo-espaço de interações sociais. A relevância social do futebol em Meruri pode ser notada a partir da estrutura atual da aldeia. A estrutura retangular foi imposta pelos primeiros missionários salesianos que ergueram as missões nas Terras Indígenas. Hoje não há as antigas choupanas, mas sim casas de alvenaria que foram construídas nas décadas de 1960 (OCHOA CAMARGO, 2001, p. 518). Manteve-se o *Baito* no centro da aldeia e o *Bororo* a oeste deste. Ao leste da casa central foi construída uma quadra cimentada onde são praticados esportes. Ao norte, ainda na parte central da aldeia, existe um campo de futebol que possui dimensões próximas às oficialmente estabelecidas, onde os Bororo realizam jogos entre as equipes da aldeia. É o principal espaço para a vivência do futebol nesta comunidade e fica localizado entre o *Baito* e o prédio da Missão Salesiana.

Em diferentes locais da aldeia Meruri existem campos de futebol que foram utilizados, mas que estão em desuso. Na escola também tem um campo com dimensões reduzidas e próximo às casas, os moradores construíram balizas de madeira. A posição do principal campo e quantidade dos espaços destinados à vivência deste esporte, bem como a construção de uma quadra ao lado oposto do *Bororo* demonstram a importância desta prática corporal para os moradores da aldeia. Neste sentido, os cenários para vivências do futebol assumem, junto com o *Baito* e o *Bororo*, a centralidade na estrutura atual da aldeia.

Com o decorrer do tempo e a intensificação das relações interétnicas, os Bororo de Meruri buscaram desenvolver maior habilidade com o instrumento do jogo – a Bola –, pois aprimorar a capacidade de jogar futebol significava ser reconhecido pelos não-índios não mais como “primitivos” ou “selvagens”. Na década de 1990, equipes internas foram formadas na aldeia. Neste período havia seis equipes masculinas, eram elas: Juventude, Flamengo, Sobradinho, Palmeiras, Magnatas e Meri Ore Eda. O futebol não se restringia a participação masculina, as mulheres também formaram suas equipes, alcançando o total de três: São Paulo, Corinthians e Palmeiras. A referência para dar os nomes às equipes eram os clubes profissionais que tinham seus jogos transmitidos pela televisão ou pelo rádio, exceto àquela equipe que recebeu o nome na língua tradicional.

As equipes foram formadas por iniciativa individuais de indígenas que tornaram-se seus *representantes*. Estes convidavam os familiares e aqueles com quem possuíam afinidades para constituírem o grupo de jogadores de sua equipe ou,

simbolicamente, uma agremiação, uma coletividade “moderna”. Os *representantes* são responsáveis por organizar as equipes e, para tanto, procuraram parceiros que possam financiar os custos com uniforme, alimentação e transporte quando são necessários. Eles ainda têm a incumbência de gerenciar os recursos financeiros das equipes arrecadados através de cotas dos jogadores, cuidar dos uniformes e agendar os jogos com outras equipes internas. Além disto, organizam taticamente as equipes durante os jogos e também jogam, desempenhando, concomitantemente, as funções de gestor, técnico e jogador.

Destas equipes, os *representantes*, em conjunto com lideranças culturais da aldeia, selecionavam os mais habilidosos para disputarem torneios fora da aldeia, seja enfrentando outros povos indígenas ou não-índios que vivem nas cidades circunvizinhas. Os Bororo de Meruri, primeiro individualmente e depois em equipe, começaram a disputar partidas com *Braidos*⁷ em cidades da região leste de Mato Grosso, no final do século XX. Então, resolveram melhorar seu desempenho diante dos adversários que enfrentavam em torneios amadores. Estes indígenas iniciaram um processo de treinamentos físicos, técnicos e táticos com um grupo de jogadores que foram selecionados nos torneios internos. O grupo assistia aos jogos de futebol pela televisão, a fim de identificar a posição de cada jogador, sua função, bem como questões técnicas para poderem treinar posteriormente.

A melhoria no desempenho dos Bororo de Meruri diante dos *Braidos* nos jogos nas cidades próximas à aldeia chamou atenção de dirigentes de equipes profissionais da região. Em 2003, um indígena disputou a segunda divisão do campeonato estadual de Mato Grosso pela equipe de Campinápolis, no entanto, sua carreira como jogador profissional não perdurou, então o mesmo retornou as atividades na aldeia e continuou atuando pelas equipes internas. Os Bororo jogadores seguiram participando de campeonatos amadores regionais e sagraram-se campeões em um torneio disputado na cidade de Barra do Garças, em 2006. O triunfo, simbolizado pelo troféu, estimulou o desenvolvimento do futebol na aldeia Meruri.

As mulheres também participavam de jogos internos e dos campeonatos amadores na região. Contudo, no dia 14 de junho de 2009, um grave acidente automobilístico fez com que a motivação pelo futebol diminuísse entre os indígenas de Meruri. Nesta data, o caminhão que partiu da aldeia com os indígenas que iriam participar de um jogo amistoso na cidade de São Joaquim/MT tombou na pista, então seis pessoas desta comunidade faleceram. A tragédia fez com que as equipes femininas se desorganizassem completamente e as masculinas reduzissem a três.

7. Brancos.

Atualmente, o futebol é realizado cotidianamente por grupos distintos, em diferentes cenários e, por conseguinte, com diferentes sentidos e significados. Na aldeia Meruri, os habitantes compreendem a prática do futebol de diferentes maneiras. Os anciãos associam a prática do futebol ao desinteresse dos jovens em relação à ocupação profissional e às atividades tradicionais. Os missionários salesianos apoiam a prática, pois identificam nela a possibilidade de ocupação do tempo livre dos jovens distanciando-os do consumo de bebidas alcoólicas. E entre os jovens e as crianças, o futebol é entendido como um meio de promover a interação social ou, até mesmo, como possibilidade de profissionalização. Entre os Bororo de Meruri, foi observado que:

o futebol é praticado com várias finalidades: como atividade lúdica promovida de forma espontânea entre crianças e familiares, como atividade escolar, durante as aulas de Educação Física, como treinamento e aprendizado; como competição na própria comunidade e, finalmente, como amadorismo, em jogos oficiais de futebol amador fora da aldeia (GRANDO, 2004, p. 279- 280).

Percorrendo os diferentes locais da aldeia Meruri depara-se com grupos de crianças e de jovens Bororo jogando futebol. Seja em frente às casas chutando a bola entre chinelos ou no campinho da escola, as crianças e os jovens Bororo constroem sua corporalidade. Estes jogos são caracterizados por um maior grau de liberdade e autonomia de ações e decisões dos indígenas participantes. Nestes espaços, as regras do jogo são instituídas pelos próprios participantes, possibilitando diferentes modos de agir. O número mínimo de jogadores é 2 e não tem número máximo, pois quem estiver por perto pode jogar. Homens e mulheres, adultos, jovens e crianças, todos jogam no mesmo tempo-espaço. As balizas variam de tamanho e altura e, não há tempo regulamentado para o início e o término. Os jogadores não vestem uniformes, portanto não são identificados por números, cores e brasões. Não há a presença de um árbitro para fazer cumprir as regras que são consentidas por todos.

Os indígenas de ambos os sexos e com diferentes idades se reúnem na quadra de esportes nos finais de tarde. Cinco indivíduos se agrupam para compor um time e os espectadores, isto é, demais pessoas da comunidade, se aproximam do espaço para assistirem aos jogos. Cada jogo tem duração de 5 minutos e, neste curto espaço de tempo, as equipes procuram marcar gols para garantir sua permanência no próximo confronto. No entanto, a exigência do triunfo é irrelevante diante da interação social promovida.

O grupo de jovens rapazes da aldeia organizou, em 2011, um torneio de futebol com o objetivo de promover uma reflexão sobre os problemas sociais da comunidade, principalmente o alcoolismo. Neste sentido, o grupo, assim como os

missionários salesianos, vê o futebol como um instrumento que promove a saúde comunitária, pois, por meio dele objetiva-se prevenir e reduzir o consumo de bebidas alcoólicas na comunidade. Neste cenário, os organizadores selecionaram os participantes de acordo com a idade, configurando as equipes com crianças, jovens e adultos. Os jogos do torneio seguiram, em parte, o regulamento oficial, mas também foram adotadas outras regras.

Atualmente, as competições internas não vêm sendo realizadas com a mesma frequência quanto anteriormente ao acidente. As três equipes masculinas; Flamengo, Magnatas e Palmeiras se revezam nos confrontos amistosos no campo central da aldeia. Neste cenário, há poucas alterações nas regras oficiais do futebol e existe o papel do árbitro. O indígena que o assume pode ser qualquer indivíduo que esteja em torno do campo de futebol, mas suas decisões são respeitadas sem questionamentos. Apesar de as mulheres também atuarem ali, os homens são os que mais se apresentam neste palco. Antes do início, os *representantes* orientam os índios jogadores, indicando as posições no campo e as funções que cada um deve desempenhar. Em seguida, entrega-lhes o uniforme que simboliza sua equipe. Com o árbitro a postos e as duas equipes preparadas e posicionadas, o público se acomoda no alicerce entre o campo de futebol e o *Baito* para assistir ao jogo. O futebol na aldeia Meruri é uma ocasião social onde pais, filhos e filhas, parentes e amigos se encontraram em co-presença (GOFFMAN, 2011) e agiram de acordo com as normas estabelecidas pelo grupo.

Os jogos de futebol também são realizados em contextos que envolvem outros atores além dos habitantes da aldeia Meruri. Apresenta-se como exemplo o futebol nos Jogos dos Povos Indígenas. Nesse cenário, três árbitros não-índios foram responsáveis por controlar o cumprimento às regras. Os Bororo, agrupados por sexo, vivenciaram o futebol com maior intensidade competitiva, por mais que ali estivesse em debate, não apenas um torneio, mas direitos sociais de todos os indígenas. Os índios e as índias que disputam as partidas, antes de entrarem em campo, aquecem o corpo e alongam-se, ensaiam algumas jogadas e revisam o posicionamento e a função de cada jogador em campo. Na arquibancada, o público é composto por espectadores indígenas de diferentes etnias e não-índios de diferentes locais do planeta. Jornalistas, radialistas, cinegrafista, fotógrafos e repórteres registraram imagens e depoimentos e os transmitiram para o mundo. Neste contexto interétnico, os indígenas de Meruri representaram todos os Bororo e, por meio do futebol, reafirmaram sua identidade étnica.

Em um mundo no qual, cada vez mais, as comunidades interagem, “as identidades só podem ser definidas como sendo a síntese de múltiplas alteridades construídas a partir de um número enorme de contextos interativos regulados, na

maioria das vezes, por instituições” (RIBEIRO, 2000, p. 42). A noção de identidade étnica remete a procedimentos de identificação em processo. Afirmar uma identidade étnica envolve um compromisso ideológico, na medida em que implica o confronto com outras identidades em determinados sistemas de relações interétnicas.

Observou-se que o futebol possui diferentes sentidos e significados entre os indígenas Bororo da aldeia Meruri. Sua vivência possibilita aos indígenas transmitirem valores, crenças e representações que os identificam e os distinguem enquanto grupo. “Entre os múltiplos sentidos e significações cabe destacar a revitalização das formas tradicionais de ‘fabricação da pessoa’, a valorização das identidades individual e coletiva e a criação de estratégias de integração” (GRANDO, 2004, p. 5). Portanto, o futebol contribui para forjar a identidade destes indígenas no contexto da aldeia Meruri, bem como para afirmá-la em cenários interétnicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas últimas duas décadas do século XX, o mundo sofreu profundas mudanças de ordem social, econômica, cultural e política que reportam “a um nível de integração de populações que cria um novo modo de representar pertencimento a unidades sociopolíticas e culturais” (RIBEIRO, 2000, p. 13). A diversidade cultural, neste ínterim, tornou-se uma questão política central, pois a inserção de comunidades culturais e economicamente diferenciadas em um sistema mundial se dá em meio à resistência de diferenciação étnica.

Entende-se que o futebol foi apropriado e faz parte da dinâmica cultural do povo Bororo proporcionando, desse modo, a constituição de sua identidade étnica. Identidade do “índio real” detentores de direitos e que mantem os valores, as crenças e as práticas de sua cultura, mas que incorporou valores, conhecimentos e técnicas modernas. O futebol realizado pelos Bororo da aldeia Meruri é um jogo político, pois, por meio desta ação ritual ocorrem a formação da identidade e o fortalecimento de grupos. O futebol realizado fora da aldeia, ao passo que proporciona o exercício da reafirmação étnica, é um meio reivindicação dos direitos conquistados.

Football Between Bororo Indigenous People

ABSTRACT: Football is a physical practice which went through a process of cultural dissemination and is inserted into the daily life of different communities in contemporary times. Indigenous peoples in Brazil have appropriated this practice and perform it with different purposes. The objective of this work was to analyze football practiced by Bororo indigenous people and interpret its senses and meanings. To this end, we conducted a research based on literature review and field survey. This research was developed in the Meruri indigenous village, as well as during the 10th and 11th Indigenous Peoples' Games using the techniques of observation and unstructured interviews. The analysis showed that football enables indigenous people to build their identity and distinguish them as ethnic groups.

KEYWORDS: Football; culture; politics; identity.

El Fútbol entre los Indígenas de la Etnia Bororo

RESUMEN: El fútbol es una actividad física que pasó por un proceso de difusión cultural y, en tiempos contemporáneos, se inserta en la vida cotidiana de diferentes comunidades. Los pueblos indígenas en Brasil han apropiado esta práctica y la realizan con distintos fines. El objetivo de este trabajo fue analizar el fútbol practicado por indígenas de la etnia Bororo e interpretar sus sentidos y significados. Para ello, se realizó una investigación compuesta de revisión bibliográfica e estudio de campo. Fue desarrollada en la aldea Meruri, así como en los 10° y 11° Juegos de los Pueblos Indígenas mediante las técnicas de observación y entrevistas no estructuradas. El análisis demostró que el fútbol les permite a los indígenas construir su identidad y los distingue como grupos étnicos.

PALABRAS CLAVES: Fútbol; cultura; política; identidad.

REFERÊNCIAS

ALBISETTI, César; VENTURELLI, Angelo J. *Enciclopédia Bororo*. v. I. Campo Grande: Museu Regional Dom Bosco, 1962.

_____. *Enciclopédia Bororo*. v. II. Campo Grande: Museu Regional Dom Bosco, 1969.

_____. *Enciclopédia Bororo*. v. III. Campo Grande: Museu Regional Dom Bosco, 1976.

ALMEIDA, Rita H. *O Diretório dos Índios: um projeto de civilização no Brasil do século XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

BRACHT, Valter. *Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução*. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1976.

CASTILHO, Maria Augusta. *Os índios Bororo e os salesianos na missão dos Tachos*. Campo Grande: UCDB, 2000.

COLBACCHINI, Antônio; ALBISETTI, Cesar. *Os Boróros Orientais: Orarimogodogue do Planalto Central de Mato Grosso*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1942.

DA MATTA, Roberto. "Antropologia do Óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro". In. *Revista USP (Dossiê Futebol)*. São Paulo, n.22, p. 11-17, jun./ago. 1994.

FONSECA, Claudia. "Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação". In. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: ANPEd, n. 10, p. 58-78, jan./abr. 1999.

GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011.

GRANDO, Beleni S. *Corpo e educação: as relações interculturais nas práticas corporais Bororo em Meruri-MT*. Florianópolis: UFSC, 2004. 357p. Tese (Doutorado) Programa de Pós-graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

OCHOA CAMARGO, Gonçalo (Org.) *Meruri na visão de um ancião Bororo: memórias de Frederico Coqueiro*. Campo Grande: UCDB, 2001.

OCHOA CAMARGO, Gonçalo. *História mítica Bororo*. v. 2. Campo Grande: UCDB, 2010.

RAMOS, Alcida. *Indigenism: ethnic politics in Brazil*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1998.

RIBEIRO, Gustavo Lins. *Cultura e política no mundo contemporâneo: paisagens e passagens*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000.

SEEGER, Anthony; DA MATTA, Roberto; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. "A Construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras". In. OLIVEIRA FILHO, João Pacheco (Org.). *Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Marco Zero; Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Lara Regina. "As práticas corporais na contemporaneidade: pressupostos de um campo de pesquisa e intervenção social". In. SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Lara Regina (orgs). *Práticas corporais: gênese de um movimento investigativo em Educação Física*. Florianópolis: Nauembla Ciência & Arte, 2005.

VIERTLER, Renate B. "A beleza do corpo entre os índios brasileiros". In. QUEIROZ, Renato da Silva (org.). *O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza*. São Paulo: SENAC, p. 155-181. 2000.

VIERTLER, Renate B. *A refeição das almas: uma interpretação etnológica do funeral dos índios Bororo, Mato Grosso*. São Paulo: Hucitec; Editora da USP, 1991.

Recebido em: 7 abr. 2013

Aprovado em: 7 ago. 2013